

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem



Uma 'areia' muito branca, capaz de assumir as cores do céu ao entardecer e ainda brilhar como se contivesse pó de estrelas, forma as dunas do Monumento Nacional de White Sands (Areias Brancas) no Novo México, Estados Unidos. Mais compactas do que as dunas vivas da maioria dos desertos ou planícies costeiras, elas facilitam a vida dos caminhantes e compõem um cenário único, já explorado por diversos cineastas em filmes futuristas, como o *Mad Max 3*, estrelado por Mel Gibson (1985), ou policiais como o *White Sands*, com Willem Dafoe e Mary Elizabeth Mastrantonio (1992).

White Sands é, na verdade, um grande depósito de gesso — e não de areia — formado no fundo de antigos lagos da Bacia de Tularosa, parte da grande falha tectônica que atravessa o Oeste dos EUA no sentido longitudinal, entre os Estados de Colorado, Novo México e Texas, com o nome de Rio Grande Rift. O mesmo Rio Grande da fronteira entre México e EUA, famoso entre os imigrantes ilegais.

Cenário em branco

Dunas de uma alvura impecável são palco de filmes e encerram lições de sobrevivência

O branco das dunas contrasta com os solos coloridos de origem vulcânica das redondezas, como o basalto de Malpais — uma extensa área por onde, no passado remoto, escorreu lava escura —; as montanhas Sacramento e Oscura, com seus diversos tons de vermelho, e as dunas de areia quartzosa, amarelas como melhor convém aos desertos. O gesso alvo ainda é interrompido pelo amarelo e marrom dos tufo de uma vegetação que teima em crescer sob as duras condições ambientais oferecidas pelas dunas. Em geral, as plantas formam touceiras em pontos mais abrigados do vento, onde acumulam-se nutrientes. Os capins e ervas mais expostos denunciam a constância dos ventos ao traçar no chão círculos e semi-círculos, como se fossem compassos, balançando com precisão técnica.

Com uma certa frequência, os ventos desenhistas se transformam em tempestades, levantando poeira ou mesmo neve, se é inverno. Eventualmente formam também os chamados *sand devils* (demônios de areia), que são redemoinhos de grande velocidade. As dunas ainda atraem relâmpagos, tornando radical e muito arriscada qualquer caminhada feita na iminência de uma chuva forte.

As espécies capazes de se estabelecer sobre as dunas dependem do fluxo das águas, que determina o grau de salinidade e umidade de cada pedacinho de chão onde a vida é possível, com grandes variações sa-

zonais. Em geral, metade das chuvas anuais cai em violentos aguaceiros, nos meses de julho, agosto e setembro. Logo ao primeiro sol, algas azuis florescem sobre a superfície das dunas, conferindo um aspecto ainda mais insólito ao deserto branco. Mas as águas escorrem rápido por dentro do gesso e a evaporação é considerável, portanto, só as plantas bem adaptadas sobrevivem. Mesmo assim, existem 62 espécies diferentes de plantas em White Sands.

E como há plantas resistentes o suficiente para enfrentar o deserto, também há animais, sobretudo insetos e aves, com um ou outro pequeno roedor, lagarto ou sapo para representar a respectiva classe e, claro, serpentes, suas predadoras. A adaptação ao ambiente, como não podia deixar de ser, está na pele dos que são presas: diversos lagartinhos e ratos são completamente brancos e há insetos quase transparentes. Vale tudo para ficar invisível nas dunas de White Sands.

LIANA JOHN

